

A teologia da libertação na América Latina

Salustiano Alvarez Gómez*

Resumo

A partir de 1960, junto aos movimentos políticos libertadores, em plena mudança institucional da Igreja Católica e de outras denominações cristãs, surgiu um movimento teológico, a Teologia da Libertação, cujas características fundamentais foram a defesa dos pobres, a organização dos grupos populares, a reivindicação de justiça para todos, o respeito aos grupos étnicos indígenas e africanos, além de outras causas de emancipação social, econômica e política. Este movimento elaborou teorias e formas concretas de viver uma nova forma de ser Igreja, que além de questionar as bases tradicionais da instituição eclesial e da organização política, contribuíram para o avanço da identidade latino-americana.

Palavras-chave: Latino-América; Teologia; Libertação; História.

Introdução

Para aproximar-nos inicialmente do tema definiremos *Teologia* como uma ciência cujo objetivo é o estudo das questões referentes ao conhecimento da divindade, de seus atributos e relações, com o mundo, com os homens, e com uma verdade religiosa. A Teologia, como toda ciência, utiliza a razão, mas apoiando-se numa realidade considerada anterior, a fé, reveladora de uma verdade fundamental. A partir dessa revelação o ser humano se descobre comprometido com a realidade superior, considerada primordial, criadora e fundante, estabelecendo, com o Ser Superior, uma relação de dependência que o conduz a um compromisso prático com a realidade em que vive, o que faz de qualquer teologia uma ciência que implica uma prática concreta.

No âmbito do cristianismo a teologia se desenvolveu a partir do conceito de Deus Criador, que convoca a todos os seres humanos a viver em fraternidade e comunhão. Sua revelação máxima está na figura de Jesus Cristo, *Encarnação* deste Deus Criador, e, portanto, manifestação total de sua doutrina e prática. Ainda que o Deus Criador continue manifestando-se de formas diferentes a todos os seres humanos, sua verdade fundamental já foi totalmente revelada na figura de Jesus Cristo, mistério

* Doutor em Filosofia pela Universidade Complutense de Madri, professor da Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC) e da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

pascal (ou seja, mistério de passagem e de mudança ou conversão), que nasce, vive, morre e ressuscita, oferecendo-se aos seres humanos como caminho, verdade e vida. Nesta figura de Jesus Cristo encontramos a Verdade (doutrina), a Vida (sentido da existência) e Caminho (método).

Esse compromisso com a Criação¹ leva à consumação da vida humana. As ações humanas se entendem a partir do Escatológico, ou seja, a realização definitiva e plena no final dos tempos. Se a Criação supõe um princípio, a Escatologia supõe um fim. A Escatologia assume a Criação, tentando recuperá-la, melhorá-la e transformá-la. Entre a Criação e a Escatologia há um percurso a ser completado pelo seres humanos, protagonistas desta ação, fazendo com que a Criação seja uma Nova Criação e – para utilizar as palavras reveladoras do Apocalipse – que o mundo seja não somente um Novo Céu, mas também uma Nova Terra.

Em algumas teorias teológicas a dimensão escatológica se faz mais presente e prioritária, criando uma teologia abstrata e espiritualista, privilegiando a salvação a partir de ações de piedade como oração, jejum, promessas e sacrifícios pessoais. Outras tendências realçam as dimensões encarnacionistas, traduzidas em ações ético-sociais, atividades práticas, dando lugar a teologias mais imediatistas e de caráter pragmático. É o caso das chamadas Teologia do Progresso ou Liberal, de matiz protestante, da Teologia da Revolução, da Teologia Política, entre outras que, de alguma forma, inspiraram alguns elementos formadores da Teologia da Libertação.

Entre a revelação da Encarnação e a utopia da Salvação, em outras palavras, entre a Páscoa e a Ressurreição, pode-se cair no risco de duas unidimensionalidades: materialização sem transcendência ou espiritualismo irreal e ilusório.

Se esses são os dois pólos extremos que podemos encontrar na história da teologia, a verdade teológica não faz distinção entre elas, promovendo, ao contrário, uma integração, na qual os ideais de salvação são vivenciados no mistério da encarnação. Se a primeira verdade do cristianismo é *amar a Deus*, a forma de amar a Deus é exclusivamente *amando ao próximo como a si mesmo*, pedagogia efetivamente espiritual e prática ao mesmo tempo. Esses dois elementos iluminadores se encontram na origem da Teologia da Libertação, que mais do que inventar temas novos, recupera temas da antiga tradição teológica, renovando seus sentidos e significados práticos.

¹ O conceito de *Criação* se identifica com o que outras ciências classificam como *Realidade* ou *Natureza*.

Pressupostos da teologia da libertação

A partir dessa aproximação inicial podemos afirmar que a Teologia da Libertação (TdL) é, em linhas gerais, uma teologia de caráter encarnacionista, que encontra a fidelidade a Deus no serviço ao próximo, o qual se manifesta especialmente nos pobres e esquecidos da sociedade formal. Por isso, podemos ver na TdL três pressupostos iniciais:

- uma interpretação da fé cristã através do sofrimento, da luta e da esperança dos pobres;
- uma crítica à sociedade e às ideologias que sustentam estruturas de divisão e afastamento entre os seres humanos;
- uma revisão da ação da Igreja e dos cristãos desde o ponto de vista dos pobres.

A partir destes pressupostos, faz-se uma reinterpretação do significado da Cristandade com a recuperação de uma tradição profética e denunciadora, presente na Bíblia. Tradição que também está presente na história do cristianismo e da Cristandade, ainda que sofresse silêncios e suspeitas por parte do pensamento cristão dominante e, em certo sentido, contrário.

Embora própria da América Latina, a TdL não é exclusiva da América Latina, pois se fez presente em outras partes do mundo, nem mesmo a única teologia libertadora. Existem teologias cristãs européias, asiáticas e africanas muito semelhantes à TdL, além de outras teologias libertadoras como a teologia feminista, a teologia negra, a teologia do diálogo inter-religioso e a teologia inculturada. Assim como os pobres, as “raças” não-brancas e as mulheres estão buscando um novo significado na fé cristã e, ao mesmo tempo, revelam algumas deficiências nas interpretações feitas pelos homens ocidentais brancos.

A TdL é também a manifestação de um movimento mundial em favor da emancipação humana, ainda que isso possa parecer quase arcaico nos Estados Unidos e na Europa. Para alguns, não se pode compreender a América Latina sem entender o que representa a TdL. A presença religiosa libertadora em alguns momentos da história do continente foi marcante. Vale à pena lembrar que dos mil e duzentos delegados em uma conferência sobre a dívida externa realizada em Havana (agosto de 1985), mais de uma centena eram sacerdotes católicos. No seu discurso, o então primeiro ministro de Cuba, Fidel Castro, leu uma carta do cardeal Paulo Evaristo Arns de São Paulo, na qual

afirmava que a dívida não deveria ser paga à custa dos pobres, o que provocou o prolongado aplauso, de pé, pelo conjunto dos delegados.

Elementos Doutrinários que Originam a TdL

Até chegar à formação de uma prática religiosa de inspiração cristã que fosse adequada à realidade de América Latina, o corpo doutrinário teológico foi submetido a um confronto entre a teoria e a prática, entre a realidade e a utopia, entre as ideologias e as propostas evangélicas. A busca de um compromisso real e fiel à mensagem de Jesus de Nazaré fez com que comunidades populares e teólogos chegassem a conclusões, talvez intuições, que iluminaram a *caminhada*, utilizando o termo da prática pastoral das Comunidades Eclesiais de Base, e inspiraram os movimentos de libertação. Indicamos, a seguir, alguns dos enunciados que podemos considerar conclusivos para a elaboração desta doutrina teológica cristã libertadora.

A centralidade do Reino de Deus

Entende-se o *Reino de Deus* como a primeira preocupação da mensagem e da ação de Jesus Cristo. Surgiu da necessidade de um retorno à valorização histórica de Jesus. Se em outros momentos do cristianismo o que prevaleceu foi um Cristo crucificado pelos erros dos pecadores e oferecido como cordeiro imolado para remissão de tantos pecados, no início do século XX deu-se na teologia uma recuperação do Jesus histórico, relacionado ao Cristo da fé, tema analisado academicamente e presente nos cursos de Teologia. O grande aporte desse paradigma do Reino de Deus é a união que se efetua entre história e escatologia. Os princípios que inspiram esta centralidade do Reino apresentam:

– uma leitura histórico-escatológica do cristianismo, incluindo o primado da práxis para a transformação cristã da história da humanidade;

– a integração (não dualismo) e unicidade da história, ou seja, a consciência de uma história que é história de salvação, portanto, transcendental, sem deixar de ser uma história humana, situada, conseqüentemente, na realidade imanente. Em outras palavras, a salvação do ser humano não pode dar-se fora do mundo, mas, ao contrário, a salvação deve se iniciar dentro do mundo, utilizando a expressão evangélica *já mais ainda não*;

– o resgate teórico e prático do caráter absoluto que Jesus deu ao Reino. A prática de Jesus não leva a um culto personalista a Ele, mas à consecução do Reino de Deus. O seguimento a Jesus exige assumir a Sua mesma fé e o Seu mesmo objetivo;

– essa prática leva a uma opção, a exemplo de Jesus, pela justiça e pelos injustiçados, com a consequente e necessária inserção no lugar social das vítimas da injustiça.

O primeiro paradigma foi o Reino de Deus, paradigma da TdL porque é, na realidade, o paradigma de Jesus. É uma leitura histórica da realidade onde o Reino de Deus aparece como *utopia integradora*. No nível prático, pastoral, se traduz num compromisso concreto assumindo o lugar social do pobre (VIGIL, 1997, 27-46).

Um discurso surgido desde a periferia

Ao contrário de outras teorias que aparecem no mundo acadêmico ou nos escritórios de grandes pensadores, a TdL surge em lugares pouco reconhecidos socialmente. É, realmente, um *discurso que emerge desde a periferia* – não daquela omissa diante de sua realidade social, mas desde uma periferia ativa, consciente de sua situação de injustiça que, com certo cansaço e descrédito do caritativo, opta por uma prática transformadora e não simplesmente renovadora ou reformista.

De fato, as primeiras manifestações começam a se fazer presentes em comunidades cristãs situadas geograficamente em contextos social e historicamente comprometidos com os movimentos reivindicativos de emancipação social e política (FERNANDEZ DEL RIESGO, 1997). Temos de recordar, entre 1959-1979, o despencar da Democracia Cristã e o surgimento e o desenvolvimento do que depois se chamou de Igreja Popular na América Latina.

Práxis de libertação e libertação da própria teologia

A consciência desse discurso implica uma nova forma de pensar os temas clássicos do cristianismo. Fundamenta-se na chamada *práxis da libertação*, vivida e partilhada com outros movimentos de libertação da América Latina, da Ásia e da África. Tal discurso toma um significado especial, facilmente compreensível, de dentro de sua proposta transformadora cristã.

O pensamento da TdL toma consciência de ser não somente um discurso para o interior da comunidade Igreja, mas, consciente da existência de muitos movimentos de libertação, preocupa-se em pensar a libertação política a partir de aspectos teológicos. Esta tarefa de colocar o pensamento teológico junto aos movimentos sociais possibilitará a reflexão não somente da práxis de libertação como também da *teologia da libertação*, indicando, com isso, um pressuposto tecido em torno de novos paradigmas teológicos, elaborados desde a realidade social mais excluída e marginalizada.

Libertação contra dependência

A práxis, cujo ponto de partida é a procura do reino de Deus identificado como reino da fraternidade e da justiça, passa pela realidade de assumir a *libertação contra a situação de dependência*. Frente às *teorias denominadas de desenvolvimentistas*, surge outra proposta que se preocupa com a autonomia e a emancipação das classes oprimidas.

As teorias desenvolvimentistas surgiram nos países do norte, especialmente nos Estados Unidos, tendo como fundamento levar o desenvolvimento a América Latina. Para isso foi estabelecido uma série de programas de desenvolvimento, com muita ajuda financeira, muitas vezes canalizada pelos mesmos trabalhos da Igreja. Isso justificava as constantes intervenções econômicas e facilitava a configuração de grupos de riqueza nos países dependentes dando a impressão de autonomia e progresso autóctone. Na verdade, tinham uma dimensão reformista, levando a uma aparência fictícia de desenvolvimento, pois, na prática, significava aumento de dominação e distância econômica entre as classes sociais. Os dois mundos, o desenvolvido e o atrasado, tomavam uma nova dimensão no contexto interno, ao manifestarem-se mais próximas as diferenças humanas. No dizer de Enrique Dussel (1977, 124), “la disimetría externa (império x neo-colonias) se reproduce internamente”. Evidentemente, o protagonismo do diálogo e da intermediação entre os países dependentes e centrais, longe de se dar com as populações carentes, ocorreu com os grupos privilegiados do Terceiro Mundo.

Os modelos econômicos *desenvolvimentistas* pensavam que a causa do subdesenvolvimento se devia à rejeição em aplicar as medidas dos países desenvolvidos, tanto na economia como na tecnologia. Essas teorias esqueciam a história de dominação e dependência estruturais a que os países do continente se viram

submetidas, sem aceitar que a causa principal era uma injustiça de caráter estrutural no plano internacional, com muitos séculos de existência. Pensadores latino-americanos e de outros continentes chegaram à conclusão da necessidade de uma ruptura com o sistema dominante para poder criar uma identidade própria. Como sugere Enrique Dussel (1977, p.125), “no habrá desarrollo sin romper la dependencia, sin liberación nacional económica, sin transformar la formación social capitalista imperial del centro”, para o que é necessário modos de produção e formas próprias de erigir-se como sociedades independentes em busca de sua identidade.

Estas teorias *reformistas* defenderam a necessidade de uma independência cultural, social, econômica e tecnológica anterior à independência política². Mas apenas conseguiram consolidar o sistema econômico imperante e acomodar estaticamente dentro de cada país as sociedades desenvolvidas às subdesenvolvidas. Apoiando-se na teoria *monetarista* de Milton Friedman³, acabaram fortalecendo a ideologia do neoliberalismo, sem atingir um desenvolvimento econômico auto-sustentado, tal como se pretendia, nem aumentar o mercado interno, ainda menos o desenvolvimento industrial (FERNÁNDEZ DEL RIESGO, 1997, p. 177).

Tratava-se de um movimento pensado *de cima para baixo*, que esquecia a necessidade de ser *sujeito da história* e não somente *objeto* dela. Dentro das bases de uma antropologia filosófica, o valor do *sujeito como ser social* exige a necessidade de uma ação ampla. Em certos momentos, logicamente, não se pode prescindir da solidariedade como base do *ser pessoa*. Para isso, sem dúvida, haverá de contar com um nível de subvenção com mediações sociais e políticas, o que não pode anular a ação dos *sujeitos históricos*, questão que entra como elemento fundamental na hora de pensar a sociedade e a participação dos indivíduos na história. Essa tarefa é prioritária para a

² Um destes expoentes foi Roger Vekemans, sacerdote belga erradicado no Chile até 1970. Fundou o *Centro de Investigación y Acción Social (CIAS)* em Santiago de Chile. Sua preocupação se resumia à necessidade do avanço tecnológico com ampla participação do povo para combater a clara divisão social e a forte injustiça política internacional. Desde uma visão desenvolvimentista e tecnocrata, Vekemans defendia a necessidade de dotar aos países do Terceiro Mundo da tecnologia que existia já nas grandes potências, o que permitiria uma integração internacional entre Europa e os Estados Unidos com a América Latina. Dentro dessa visão, a tarefa de integração internacional e de desenvolvimento nacionalista teria que ser das elites políticas, dirigindo o processo de desenvolvimento e orientando a educação das grandes massas. Somente elas teriam a possibilidade de conquistar tais metas, por possuir a mentalidade adequada para isso e a qualificação essencial para entender os mecanismos e instrumentais técnicos próprios para a transformação tecnológica. Além do CIAS, o FMI, ala Aliança para o Progresso, o CEPAL, o BID, a Cooperação Andina de Fomento (CAF) e muitos outros, tentaram os mesmos objetivos.

³ Trata-se do maior representante da *Escola de Chicago*, que defende a liberdade de mercado e a ação subsidiária do Governo.

teologia (como também para a filosofia e a história), razão pela qual nos interessa analisar a função que exerce na realidade da América Latina.

As teorias contrárias à dependência colocaram de forma crua as contradições do sistema e as formas veladas de dominação, chamando a atenção para as questões de caráter ético, mais do que as implicações econômicas. O exemplo mais claro pode ser resumido na *divida externa*, que de forma irônica foi denominada de *divida eterna* e colocada como protótipo de uma medida unilateral, na qual, os empréstimos, ao invés de ajudarem os países em desenvolvimento, resultaram unicamente nos constantes endividamentos e nas formas de controle por parte dos países dominantes.

Desenvolvimento integral

Em relação às necessidades de crescimento dos países do Terceiro Mundo, a TdL defende um sentido de desenvolvimento que não se restringe aos aspectos exclusivamente materiais, econômicos e técnicos, mas que contempla aspectos culturais, familiares, políticos, ou seja, um desenvolvimento que além de *ter mais*, leve os homens a *ser mais*. Podemos denominá-lo de *desenvolvimento integral*, preocupado não somente com melhores condições de vida, mas também com uma mudança radical das estruturas e uma recriação da mesma natureza que conduza o ser humano a uma vida de dignidade. Trata-se de uma alternativa ao sistema dominante, que pode conduzir a uma revolução social permanente (GUTIERREZ, 1966, p. 61-62) ou a uma ruptura total, especialmente no que se refere ao sistema de propriedade, que permite a existência de classes marginalizadas, e ao sistema de produção, distribuição e consumo, que identifica o cidadão ao consumidor.

A afirmação central se fundamenta no fato de que o sistema neoliberal não pode, em nenhuma hipótese, permitir um desenvolvimento além do meramente comercial. Enquanto o processo seguido pelo capitalismo internacional não prevê condições de humanizar a sociedade, por outro lado, a libertação integral inevitavelmente teria que passar pela consolidação de uma sociedade em moldes socialistas, sem ser necessariamente um dos socialismos já conhecidos. Os pensadores da TdL enxergam com clareza que uma sociedade com carências materiais não pode satisfazer as necessidades humanas básicas. Mas, ao mesmo tempo, uma sociedade opulenta sem preocupações de tipo cultural e espiritual conduz a uma organização alienada e oprimida, pautada pelo desperdício.

Hermenêutica de conscientização

A denúncia desse tipo de sociedade desumanizadora se realiza a partir da conscientização, que implica a procura da verdade. A *verdade libertará*, de acordo com a expressão paulina. O processo para libertar-se a partir da verdade surge da conscientização política que começa com a consciência histórica, que desmascara a injustiça, levando a um *giro hermenêutico* que interpreta o passado, o presente e o futuro na perspectiva dos critérios que partem da experiência das classes oprimidas.

A consciência e a conscientização tornam-se categorias críticas para a libertação, a partir das quais a preocupação pela justiça surge como fidelidade à palavra de Deus, que questiona e dá luz. Ou seja, o ideal de justiça não surge exclusiva e originalmente da influência da razão ilustrada, nem da cultura ocidental, mas vem da Bíblia e das próprias origens do Povo de Israel. Mais ainda, para alguns dos defensores da TdL, dá-se o caminho inverso: o fato de a cultura ocidental em geral, e a razão ilustrada em particular, terem-se preocupado com a justiça, deve-se, em última instância, à influência das suas origens cristãs (VIGIL, 1997).

Uma teologia militante

As propostas da TdL levam, inevitavelmente, a um compromisso prático com a transformação social. Da reflexão teológica parte-se para uma organização da ação, o povo em movimento, ou dito de outra forma, para a participação clara no Movimento Popular, manifestado nos movimentos comunitários, étnicos, sociais, da juventude, das mulheres e dos operários.

A palavra de Deus anima cada movimento que se converte em um lugar de reflexão e de decisão. São autênticas escolas de aprendizado democrático onde tudo se coloca em discussão e decisão, de modo crítico. A partir destes elementos de compromisso vivencial surgiu uma nova *eclesiogênese*, ou seja, *uma nova forma de ser igreja*, mais fundamentada nos diferentes ministérios laicais e na responsabilidade de cada membro do grupo, do que na obediência passiva à autoridade eclesial (BOFF, 1986 e 1977), enfim, de uma Igreja com necessidade de encontrar sua missão inserida nos movimentos sociais.

O compromisso social se traduz em manifestações de oposição e reivindicação, fazendo do cristão engajado um autêntico agente de transformação e de libertação. A libertação se converte em um objetivo de ação que exige de cada cristão o *seguimento*

ao Cristo vivo, movido por ações libertadoras, ainda que muitas destas ações conduzam o agente ao sacrifício martirizante de sua própria vida⁴. O compromisso e a militância conduzem a uma ação política interessada nas mudanças sociais e na crítica às estruturas de injustiça.

A relação com a prática toma uma prioridade fundamental no citado seguimento a Jesus Cristo. Se anteriormente a teologia se preocupava com a *ortodoxia*, a prioridade na TdL estará na *ortopraxis*. O protótipo desta ortopraxis se situa na parábola do Bom Samaritano, na qual acima das obrigações com *o templo*, prioriza-se a obrigação com aquele que está ferido e marginalizado, vitimado pelo sistema e necessitado de ajuda. Justifica-se, pela fidelidade a Jesus Cristo, a aceitação de outras teorias fora do cristianismo que se preocupem com a defesa dos pobres. Em algumas dioceses os coordenadores das pastorais sociais foram membros de partidos de tendência marxista, cujos líderes nem sempre professavam a fé da Igreja, mas sua prática era de aproximação com os pobres. A boa doutrina tinha que estar em consonância com uma boa prática, pois a boa nova tem que converter-se em boa realidade (ASSMANN, 1973, p. 22). Crer em Jesus Cristo significa assumir e seguir sua prática. É aproximar-se dele ainda que não esteja explícita a fé, ou, como recordava o Evangelho de Mateus (7, 21) “não todo aquele que disse Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que faz a vontade do Pai que me enviou”. O poema *Equívocos*, de Dom Pedro Casáldaliga (1971, p. 71), explica perfeitamente esta dimensão:

Onde tu dizes lei,
eu digo Deus.
Onde tu dizes paz, justiça, amor,
eu digo Deus!
Onde tu dizes Deus,
eu digo liberdade,
justiça,
amor!.

A TdL considera que a superação da abstração ideológica, que corresponde a um idealismo impraticável e incapaz, está em oferecer uma prática a partir da experiência existencial de Deus. A própria teologia sente a obrigação de oferecer à prática transformadora idéias e critérios de ação, descobrindo novas possibilidades para a prática concreta, situada ideologicamente desde a realidade dos pobres. A fé cristã

⁴ De fato e a partir de inúmeras mortes provocadas pelos grupos de poder surgiu um novo martirologio, ou seja, uma lista de novos mártires que deram sua vida pela libertação. É o caso de Santo Dias da Silva, Pe. Josimo Tavares, Dom Oscar Romero, Ângelo Creta, e tantos outros, aos quais devem acrescentar-se outros assassinatos mais recentes como o da irmã Dorothy no Pará.

necessariamente terá que ser vivida a partir da Encarnação de Deus, que nasce pobre, vive entre os pobres e reconhece no serviço aos pobres a fidelidade ao Deus de Jesus Cristo⁵.

A prática da libertação se entende a partir de três níveis: *libertação político-social*, incluindo neste nível todo tipo de luta contra as estruturas econômicas e políticas que favoreciam a divisão e opressão de classes; *libertação do homem*, defendendo o valor de cada sujeito histórico para que progressivamente seja protagonista de seu próprio destino e responsável de suas ações; e, *libertação do pecado*, considerado como a raiz última e estrutural de todo mal e sofrimento. Estas três libertações exigem a comunhão com Jesus Cristo, vencedor de todo tipo de egoísmo e de morte, caminho da fraternidade e fundamento de toda ação transformadora.

Opção preferencial pelos pobres

As exigências práticas se inspiram na mesma Bíblia, e mais concretamente, no compromisso com os pobres e nas situações de luta contra a opressão. É o que foi definido como *opção preferencial pelos pobres*. Seguramente é a definição e o lema mais conhecido e significativo da TdL. É, também, o que representa o alcance mais paradigmático da TdL. Sua inspiração se encontra tanto nos episódios bíblicos que apresentam o compromisso com a libertação, como na própria realidade. A libertação da escravidão do Egito, a crítica profética contra toda fraude que prejudique a população, a crítica a qualquer tipo de governo injusto, a acumulação desmedida de terras, a justiça parcial, a violência das classes dominantes, os impostos injustos, a corrupção em cargos administrativos são, todos eles, temas que aparecem constantemente com referências e fundamentos bíblicos claros. É, concreta e especialmente, a experiência do Êxodo e dos profetas, no Antigo Testamento e, no Novo Testamento, os momentos de denúncia de Jesus: “Ai de vocês ricos!, bem-aventurados os pobres, os últimos serão os primeiros”.

De acordo com a tradição bíblica é considerado pobre e oprimido todo aquele que sofre discriminação e marginalização, não somente em relação aos aspectos econômicos e políticos, como também relativamente àqueles que sofrem a falta de esperança e de expectativas de melhora (órfãos, emigrantes, viúvas e doentes). A mesma pobreza é entendida bíblicamente como um mal de matiz estrutural, coletivo e conflitante. Se existem pobres é porque existem ricos. Entre pobres e ricos o Deus

⁵ Concretamente é a interpretação de Mt. 25,31. O que se faz com o pobre é o que se faz ao próprio Jesus.

bíblico se coloca do lado dos pobres, constante e incondicionalmente, tanto que fazer um bem a um pobre é fazer o bem ao próprio Deus, e ofender a um pobre é ofender ao próprio Deus (por exemplo, em Mt. 25,31).

Uma teologia, para ser cristã, tem que falar a partir dos pobres, expressão utilizada por vários teólogos, como José Comblin, Clodovis Boff⁶, Leonardo Boff, Gustavo Gutiérrez. O mesmo Jesus se faz Ele mesmo a causa dos pobres, consciente de que a experiência do mal é o que provoca a negação do amor de Deus, negação que impede a prática da injustiça e da fraternidade. O cântico de Maria na Sagrada Escritura (Lc 1, 46-56) preconiza a necessidade divina de derrubar os poderosos para humanizar a situação de injustiça enaltecendo os oprimidos.

A salvação e a libertação da realidade não podem se originar na vaidade e superficialidade da riqueza, mas na predisposição à Boa Nova que se manifesta nos pobres. São eles os primeiros que seguiram Jesus e os primeiros que escutaram sua mensagem. De acordo com a tradição evangélica e a prática dos primeiros cristãos, quando um rico escuta a mensagem de Jesus e se converte, esta conversão é conversão aos pobres, pois reconhece que a riqueza é fruto da injustiça. A conversão conduz à aproximação e identificação com os pobres, a partir dos quais deve se dar a autêntica libertação.

Implicações e dimensões políticas da TdL

A prática transformadora, com sua crítica às estruturas sociais e econômicas, leva a TdL a ser uma teologia com dimensões políticas e até com funções políticas, que entende o pecado como uma questão tanto pessoal quanto social. Há, sem dúvida, um pecado pessoal fruto do egoísmo individual, do desejo subjetivo de ser mais do que os outros, mas existe um pecado estrutural que faz perder coletivamente a possibilidade de humanização, especialmente nas classes oprimidas.

As estruturas econômicas, sociais, políticas ou culturais não são neutras. Têm ideologias. Quando se fundamentam nas injustiças são fruto de uma ideologia que provoca desigualdade e a opressão. Diante disso não é suficiente uma virtude cristã baseada somente na *santidade pessoal*, mas torna-se necessária uma *santidade social*. É a atitude de luta contra a injustiça, não somente de forma individual, mas coletiva. Os

⁶ Em relação a Clodovis Boff, temos que dizer que ultimamente abandonou esse pressuposto da TdL, passando a situar o fundamento de sua teologia na dimensão essencial da fé. Nos seus primeiros escritos, sistematizou a prática cristã a partir dos pobres.

problemas e situações de injustiça não são exclusivos de um único membro da sociedade. Quando se convive coletivamente com o mesmo problema de desemprego, falta de terra, doença, opressão, falta de moradia, já não se trata mais de um problema individual, mas social e estrutural.

A libertação religiosa supõe, por conseguinte, uma libertação política que englobe o econômico e o ecológico. Não são somente as estruturas sociais e econômicas que precisam de uma libertação, mas também toda a Criação de Deus que se viu submetida ao uso indiscriminado da exploração. A Criação, cuja finalidade é a convivência humana, em lugar de ser destinada à confraternização, é utilizada materialmente para privilegiar a uma minoria em detrimento da população mundial. Em termos cristãos e libertadores, a irracionalidade de uma política devastadora tem que dar passo a uma nova racionalidade de convivência, onde o uso da grande casa humana, *ekos*, seja bem utilizada (*economia*), e bem tratada (*ecologia*), a partir de uma administração (*política*), que seja organização igualitária das relações sociais. Defende-se, uma Política que não se fundamente no lucro de alguns grupos de poder, mas no uso dos bens de forma comum e, naturalmente, a todos os seres humanos. Para isso defende um sistema social que favoreça a justiça para todos em lugar do luxo exclusivo de uma minoria (GOMEZ, 2007). Sem ser uma política teocrática, não deixa de propor uma sociedade que viva as propostas fraternas do Deus Criador bíblico. Mas essas propostas, necessariamente, terão que ser vivenciadas na prática política, social e econômica, em definitivo, vividas desde a realidade humana, tendo a sociedade e a história como mediações da realidade divina (GOMEZ, 1987).

Uma teologia contemplativa na libertação

A última característica que podemos apontar como parte destes elementos doutrinários refere-se a um dos aspectos mais básicos de qualquer teologia, isto é, a necessidade da oração e da contemplação. A teologia é uma ciência humana que trata das questões transcendentais e misteriosas. Sob o aspecto prático, o compromisso humano tem que adaptar-se à Verdade revelada por um ser superior, que no caso geral do cristianismo é o Deus da revelação bíblica, que, para a TdL se entende de forma especial no Deus que se manifesta nos pobres.

A Verdade revelada, portanto, precisa ser conhecida a partir da escuta, pelo homem, do próprio Deus revelador. Uma verdadeira teologia terá necessariamente de

deixar que a revelação seja capaz de inspirar seu pensamento. Isso se realiza a partir da dimensão humano-religiosa da contemplação na revelação, muito presente desde os primeiros escritos da *Teologia da Libertação*, como o demonstra o primeiro livro, e homônimo, do peruano Gustavo Gutierrez, cujo último capítulo – de *contemplativus in liberationem* – aborda diretamente essa questão.

É exatamente essa característica de oração e contemplação uma das suas diferenças com possíveis ideologias políticas. De modo similar à práxis de Jesus, que antes de qualquer ação prática dirige-se ao Pai pedindo mais do que resultados, inspiração⁷, a TdL para não cair em práticas precipitadas e manter-se fiel aos pobres, inspira-se na revelação bíblica, escutada e meditada. É uma teologia da Palavra de Deus. A forma de evitar o desvio político-ideológico se entende a partir da obediência ao Deus que se manifesta na Bíblia, pelo que constantemente exigirá do agente de transformação a atitude de meditar e orar para confrontar sua ação à prática de Jesus.

Não se trata, por conseguinte, de uma ideologia política, mas de fidelidade à revelação bíblica, que exige uma prática. Por tratar-se de uma revelação que assume dimensões sociais, esta prática necessariamente será política, e encontrará na política um autêntico ministério de serviço aos pobres, fazendo da ação política uma forma prática e inspirada de tentar realizar a fraternidade a partir das estruturas administrativas e organizativas da sociedade.

Se na realidade atual a contemplação cristã leva ao enfrentamento com um sistema de governo mundial que privilegia a produção para o consumo, a mesma inspiração bíblica leva à busca de formas políticas de justiça e igualdade.

Críticas

As novidades apresentadas pela TdL tiveram reações desde o primeiro momento, tanto dentro como fora da Igreja, angariando aceitação e rejeição incondicional desde o início.

Entre seus detratores estavam aqueles que consideraram a TdL como uma espécie de Cavalo de Tróia, por onde o marxismo e o ateísmo entrariam no cristianismo

⁷ A ação de Jesus manifesta concretamente essa atitude. Momentos significativos da prática de Jesus, como a multiplicação dos pães, a transfiguração no Monte Tabor, os últimos momentos no horto das Oliveiras, ações importantes por seus aspectos reveladores, apresentam um Jesus que antes da sua ação-revelação, dirige-se ao Pai, reza e entra em comunhão transcendente com o ser superior. É a forma que faz que a ação esteja em sintonia com a revelação, ao tempo que a revelação provoca uma ação de acordo com a Verdade.

e, mais especificamente, na organização da Igreja. Dessa forma, longe de um ideal de fraternidade evangélica e pacífica (que na realidade era e é uma atitude passiva e resignada diante das injustiças), acusava-se a TdL de ser um movimento que admitia e incentivava a luta de classes, semeava o ódio entre grupos conflitantes dentro da sociedade, acabava com as práticas de piedade religiosas e, em definitivo, reduzia a Igreja a uma ideologia social ausente de fé. Academicamente falando, acusava-se a TdL de não ser uma autêntica teologia, sistemática, integrada e metodologicamente coesa. Esses grupos rejeitavam a TdL, considerando-a exclusivamente uma ética, como uma parte da teologia, correspondente a uma ética social. Nesse caso, ela carecia da formação de uma teoria imbuída de lógica interna e capacidade de articulação com o corpo doutrinário mais amplo e coerente.

Além disso, acusava-se a TdL de não possuir um corpo doutrinário, de ser uma teologia parcial e excludente de alguns grupos sociais, ou seja, aqueles economicamente considerados *ricos*, integrados por empresários, multinacionais, latifundiários, banqueiros, como também os grupos ideológicos involucionistas, retrógrados, tradicionalistas, caracterizados pelos militares, religiosos conservadores e grupos de poder apegados a formas arcaicas ou antiquadas. Acusavam a TdL de não ser uma autêntica teologia por não ter uma atitude universalista, católica⁸, excluindo grupos do ideal de salvação proposto pelo próprio Jesus no Evangelho. Para estes grupos, ninguém poderia ser excluído da salvação.

A essa crítica, a TdL oferecia a possibilidade de um universalismo, e portanto um catolicismo, a partir dos pobres. Se a catolicidade é um chamado à comunhão, nada poderia impedir que essa comunhão se fizesse na perspectiva do serviço do combate à pobreza. A causa dos pobres, evangélica por sinal, longe de ser uma divisão dentro da Igreja, e da própria teologia, poderia ser uma forma nova e prática de comunhão.

Outros grupos ligados à tecnologia atacavam a TdL por ser uma teologia do *antiprogresso*, que não encontra no crescimento da técnica e da ciência uma forma do ser humano sair de sua pobreza. Na verdade, mais do que uma negação ao avanço científico, a TdL denunciava o serviço da tecnologia exclusivamente para o consumo e para ao aprofundamento da divisão de classes. Ou seja, observando a incidência da tecnologia na realidade social mundial, percebe-se como existem grupos com acesso ao alto uso da técnica, enquanto muitos outros grupos sociais permanecem excluídos da

⁸ O termo católico tem o significado de universal, sendo uma das notas características da Igreja. Assim como Deus é para todos, a teologia tem que ser servidora de todos os seres humanos e não de grupos.

mesma. A tecnologia não conseguiu acabar com as divisões sociais e muito menos com a pobreza. Ao contrário, tem servido muito mais a interesses bélicos das grandes potências para impor suas vontades econômicas e políticas do que para o progresso dos grupos e das nações caracterizadas pelo subdesenvolvimento.

Parece claro que o progresso da técnica serve igualmente a questões comerciais, voltado quase que exclusivamente para o aperfeiçoamento e sofisticação de toda classe de aparelhos utilitários (eletrodomésticos, TVs, carros), celulares com funções bastante diversificadas (desde jogos até máquinas de fotografar). No entanto, nenhum desses itens está realmente ao serviço da população de baixa renda e a técnica não se preocupa prioritariamente em resolver problemas como a fome, a seca, doenças generalizadas. Mais do que uma crítica à ciência e à tecnologia, a TdL censura-lhes o fato de estar longe de prestar um serviço aos pobres.

Uma terceira crítica acusava à TdL de uma religiosidade aliada e até manipulada pelas ideologias de esquerda, entre elas as ideologias ditatoriais de cunho marxista como o caso de Cuba. Haveria, nesse sentido, uma clara contradição entre a pregação pela autonomia do pensamento teológico e sua universalização, e uma atitude favorável aos partidos e movimentos de esquerda. Essa crítica parte de uma constatação prática já que, realmente, a prática da TdL, por ser uma prática libertadora, necessita opor-se às atitudes de dominação provocadas pelos movimentos e organizações que se inspiram em ideais liberais ou neoliberais. Não consideraram jamais que o sistema dominante é injusto e suas atitudes derivadas do mesmo núcleo ideológico capitalista.

Faz-se necessário acrescentar que não houve uma identificação total com as ideologias materialistas, devido ao caráter simbólico intrínseco em toda teologia. Se os movimentos e práticas marxistas necessitam de uma proposta político-organizativa, a TdL apresenta critérios de ação para uma prática política da fraternidade universal. Essa prática assume muitas reivindicações e lutas históricas dos movimentos populares, operários, feministas, sociais e sindicais, entre tantos outros, mas não deixam de existir algumas diferenças em seus princípios metodológicos. Concretamente, a TdL não caiu em generalizações proletárias aplicadas a grupos étnicos⁹ ou culturas silenciadas durante

⁹ É o caso das comunidades indígenas, pouco ou mal entendidas pelos movimentos marxistas que quiseram nelas introduzir uma ideologia proletária, quando na verdade eram culturas diferentes. Aconteceu, por exemplo, no caso dos índios miskito na Nicarágua sandinista, depois do triunfo da revolução em 1978, quando não foi respeitada sua cultura, diante de uma generalização de grupos que teriam de ser ajudados, como se ajuda grupos de operários urbanos. Praticamente a mesma questão que Che Guevara não compreendeu no tocante à Bolívia.

muito tempo, e não deixou de ter conflitos com organizações esquerdistas, apesar da necessidade do encontro e cooperação de realizar na prática seus compromissos.

De fato, uma das críticas provinha de certas organizações revolucionárias, acusando a TdL de baixa capacidade de formulação prática e negociação política, uma espécie de messianismo bem intencionado mas sem articulações reais e sem projetos definidos. Atribuía-lhe, além disso, uma atitude anti-institucionalista, que dificultava todo tipo de poder político, intenção e desejo pretendido por partidos e movimentos contrários ao capitalismo dominante. Dentre essas críticas, algumas apontavam para a ausência de uma leitura sobre a fragmentação social, ignorando os novos grupos atuantes na sociedade, com mudanças na organização agrária (surgimento da agricultura industrial, por exemplo) e urbana (surgimento de novos grupos sociais de assalariados, novas profissões motivadas pelas novas tecnologias, economia informal), ficando com uma análise social geral e até superficial (RICCI, 2006). Por fim, reprovava-se a TdL por considerá-la uma teologia excessivamente otimista e irreal dos valores e das possibilidades do povo, por si só capaz de transformar toda a realidade social devido ao seu ímpeto transformador inato e intrínseco. Assim, a libertação seria uma simples questão de tempo e surgiria espontaneamente, expandido-se naturalmente a partir dos movimentos libertadores parciais ou locais.

Tais críticas, de fato, põem em evidência algumas das lacunas e limitações da TdL. O tempo demonstrou que houve deficiências nas suas propostas e que a libertação é mais difícil de ser alcançada do que se acreditava; que a organização política depende de inúmeras mediações, muitas delas já solidificadas negativamente e com dificuldades de mudança; e que o povo não possuía toda a força transformadora que os seus primeiros ideólogos gostariam. Mas não se pode negar que a TdL deu origem a organizações numerosas, especialmente locais, e que demonstrou poder de articulação e organização. Prova disso foram os Encontros Intereclesiais das Comunidades Eclesiais de Base¹⁰, encontros de pastorais, e formação de movimentos que se consolidaram e permaneceram apesar de grandes dificuldades políticas¹¹. A formação de líderes, agentes sociais e comunitários foi uma constante nos grupos ligados a TdL, de onde surgiram posteriormente lideranças operárias, sindicais, feministas, indígenas e políticas.

¹⁰ Estes encontros chegaram a 11, sendo o último em Ipatinga, Minas Gerais, em 2005, e, atualmente, em preparação o encontro de Porto Velho para julho de 2009.

¹¹ Entre estes movimentos deve-se destacar a presença da Pastoral da Terra e do MST.

A última crítica da qual temos notícia advém do que podemos considerar o abandono de um dos seus grandes teóricos, Clodovis Boff, que situa sua crítica a partir da dimensão de fé. Para ele, a TdL começou errada ao fundamentar-se na realidade do pobre, realidade que não pode ser base de nenhuma teologia, colocando a base teológica na fé (BOFF, 2008). Se esse autor tenta trazer à TdL o que para ele seria um verdadeiro fundamento, não deixa de negar bases principais na elaboração da TdL. É certa a necessidade de fundamentar-se na fé, mas é necessário reconhecer que no cristianismo, coloca-se a fé da revelação na Encarnação de Jesus, Encarnação que se dá entre os pobres, nascendo na periferia de Jerusalém e sendo reconhecido pelos excluídos e pobres da sociedade formal. A mesma adesão ao Cristo da fé se efetua no compromisso de atender aos pobres, como expressa de forma clara o texto de Mt. 25,31, identificando na ação a favor do pobre a própria fidelidade ao Deus encarnado. No cristianismo a fé se revela numa realidade concreta e coincide no serviço aos pobres.

Situação atual

Na atualidade podemos sentir uma queda de interesse em relação aos temas e propostas da TdL. Se em décadas anteriores o ambiente religioso e eclesial apresentava uma simpatia afetiva e efetiva com os trabalhos das Comunidades Eclesiais de Base e um compromisso prático em seus quadros (bispos, padres, agentes de pastoral, comunidades religiosas, seminaristas), hoje se percebe uma diminuição de interesse. De fato, perdeu espaço para manifestações marcadas pelo sentimental e emocional, como é o caso da Renovação Carismática Católica, de figuras como o padre Marcelo Rossi e outras manifestações que apresentam alto poder de mídia.

Algumas causas podem ser encontradas na repressão, perseguição e silêncio impostos, tanto por parte de um setor da Igreja Oficial (que podemos identificar em alguns membros na instituição do Vaticano e dioceses de caráter conservador), como de movimentos políticos extra-ecclesiais que conseguiram sobrepor suas idéias involucionistas por cima de propostas novas. Os trabalhos pastorais relacionados aos direitos humanos e a transformação social (pastoral operária, de favelas, da terra) foram substituídos pela preocupação litúrgica, sacramental e de interioridade pessoal. Logicamente, sem sermos contrários a esse tipo de manifestações, não podem ser motivo de anulação de outras urgências sociais e religiosas.

Por exemplo, durante a Conferência Episcopal Latino Americana (CELAM), em Aparecida do Norte (2007), uma das preocupações mais louváveis do papa Bento XVI e de grande parte do episcopado era a realidade da família. Esse tema foi exposto de tal forma que colocou em risco de sobrevivência a opção preferencial pelos pobres. Uma causa tão justa como a família não pode excluir outra causa tão justa como a já enraizada opção pelos pobres, assim como uma defesa da espiritualidade pessoal não pode anular a necessidade de uma transformação social.

Mas se deve também considerar a involução em centros teológicos, congregações religiosas, movimentos leigos, e no interior da Igreja, de modo geral. Pode-se perceber até mesmo uma tentativa de fazer pensar que o tempo da TdL já passou, caracterizado como um modismo sem consistência ideológica que não logrou criar raízes profundas. Se os mesmos documentos da CELAM em Aparecida do Norte mantêm o vocabulário, as propostas e os métodos da TdL, a verdade é que introduz outros temas e sugere atitudes que se afastam bastante das propostas dos Congressos de Medellín, Puebla e mesmo de Santo Domingo.

Da mesma forma, se em anos anteriores a produção teológica relativa à TdL apresentava um alto grau de produção e de criação, ultimamente ela é limitada. A exemplo da involução ideológica nos centros teológicos, as livrarias de caráter religioso se preocupam mais com uma produção bibliográfica cujo interesse gira mais em torno de questões *espiritualistas* (diferentes de espirituais) e até de auto-ajuda do que de uma reflexão doutrinária e comprometida com as questões sociais.

Mas, apesar das perseguições, dos silêncios e cortes constantes da liberdade de pensamento teológico, a TdL se consolidou como uma teologia de caráter social, seguindo uma tradição clássica na Igreja Católica e nas Igrejas Protestantes, e firmou a necessidade do pensamento social dentro da doutrina cristã. De fato, o Compêndio de Doutrina Social da Igreja não deixa de formalizar idéias defendidas pela TdL¹². Também já se encontram bastante disseminadas entre os bispos orientações eleitorais com critérios sociais na hora da escolha de candidatos, influência clara da preocupação social que emergiu com as propostas e inquietações da TdL, cujas propostas acrescentaram e acrescentam o que podemos chamar de *depositum caritatis*. Ou seja, além do *depositum fidei*, que formou a doutrina da fé, também podemos identificar

¹² Cf. Site oficial do Vaticano sobre o Compêndio, ou o texto da Congregação para a Educação Católica titulado *Orientações para o estudo do ensino da Doutrina Social da Igreja na formação dos sacerdotes*, além do documento do Sínodo dos Bispos de 1971, titulado *A Justiça no Mundo* (Documento Pontifício, nº 184).

temas e propostas sob uma forma prática de agir dentro da própria Igreja, tão consolidada, que já se tornaram irreversíveis (HOORNAERT, 1986).

A TdL não está morta nem decadente, nem é uma teologia baseada em modismos. É uma forma de sentir a Grande Teologia, em manifestações particulares que fazem relação à questão da injustiça social e criam novas reflexões a partir das urgências de seus participantes. Em lugar de uma doutrina coordenada de cima para baixo, o grande aporte da prática da TdL é a de criar temas novos relacionados com os problemas concretos, tais como conflitos de terras, da ecologia, das mulheres, das etnias, das favelas, do trabalho. Um exemplo de sua vitalidade é o III Fórum Mundial da Teologia da Libertação em Belém de Pará, com o tema “Água, terra, teologia para um outro mundo possível”, durante os dias 21-25 de julho de 2009, em Porto Velho. O tema do 12º Encontro das Comunidades Eclesiais de Base, integrado por ativistas cristãos ligados à TdL, é “CEBs, Ecologia e Missão” cujo lema é “do ventre da terra o grito que vem da Amazônia”, indicando que esses encontros continuam ocorrendo em todo o Brasil e em outros países.

Conclusões

A TdL, sem dúvida, tem suas lacunas, que devem ser reconhecidas para o avanço, ainda que lento, na construção de uma teologia e de uma prática eclesial coerente e popular. Efetivamente, houve um momento inicial mais ligado a uma Teologia para os pobres do que uma Teologia desde os pobres. Mas não se pode negar, hoje, o protagonismo que os pobres têm dentro das Comunidades Eclesiais de Base e da prática da TdL. Um dos seus grandes méritos está na criatividade e coragem de assumir novas formas de analisar a realidade e combater aqueles efeitos nocivos para a grande maioria da população latino-americana que integra a classe dos pobres e oprimidos. Este grupo social é reconhecido como *vítimas*¹³, conceito que supera a dimensão marxista de opressão e exploração para acrescentar as dimensões da exclusão e marginalização nos níveis étnico, social, cultural e de gênero.

Ao mesmo tempo, a TdL além de procurar dar sentido e significado a vida dos pobres (e especialmente à sua luta), incorpora temas urgentes pela sua atualidade, complexidade e problemática. Sem dúvida alguma, a questão ecológica é também uma

¹³ Este é o conceito utilizado por Enrique D. Dussel nas suas últimas obras, englobando não somente aspectos econômicos, como também sociais, étnicos, culturais, entre outros.

questão central, onde a luta em favor do pobre assume uma dimensão e consistência ideológica fundamental. É paradigmática a luta, de evidente caráter ecológico e social, de Dom Luiz Flávio Cappio¹⁴ defendendo as águas do Rio São Francisco. A defesa das águas se transforma na defesa da vida das populações pobres ribeirinhas, que sempre cuidaram do rio, mantendo as vidas, do rio e deles próprios, numa comunhão plena de respeito e cuidado. Ecologia e justiça social se fundem numa causa em favor dos pobres e em prol da vida.

Essa sensibilidade e preocupação por questões urgentes e atuais provocaram na diocese de Tefé uma nova versão das Comunidades Eclesiais de Base, denominadas de Comunidades Ecológicas de Base, que sem perder o caráter eclesial privilegiam o compromisso com as causas ecológicas. Na verdade, é uma indicação de que as propostas da TdL se fundamentam em fatos reais, concretos e, ainda que diversificados, com uma só intenção, vale dizer, a libertação integral e humana de qualquer realidade que se apresente desumanizadora e opressora.

A TdL entra na categoria de uma Teologia de Resistência. Não somente resistência a ideologias políticas e econômicas opressoras, como resistência a qualquer tipo de insensibilidade, quer provenha de meios religiosos, quer políticos, jurídicos, econômicos ou educativos. A TdL continua sua ação, e continuará, enquanto a sociedade permanecer como uma organização baseada na produção, acumulação e consumo, realidades que provocam vítimas de exclusão, divisão de classes e injustiça social.

¹⁴ Dom Luiz Flavio de Cappio assume a luta contra os projetos governamentais de transposição do Rio São Francisco. Em 2008 foi agraciado com o prêmio internacional *Pax Christi*, surgido após a Segunda Guerra Mundial para reconhecer aqueles que trabalham pela paz e pela construção de um mundo não violento e justo. Esse prêmio reconhece a luta dos pescadores, lavradores, sem-terra do semi-árido e incomoda os projetos oficiais marcados por seu caráter de hidro-negócio, que esquece as intenções e necessidade do povo que sempre trabalhou na região.

Abstract

Since 1960, with the liberated politics movements, in the middle of institutional change of catholic Church and others christian denominations, has appeared a theological movement, the Liberation Theology, which fundaments has been de poors defense, the organization of popular groups, the revindication of justice for all, the respect to ethnics Indians and Africans groups, beyond others social, economics and politics emancipation causes. This movement has elaborated theories and concretes life forms to a new form of been church, that besides to question the traditional bases of ecclesial institution and politics organizations, has contributed to the Latin-American identity increase.

Key words: Latin-American; Theology Liberation; History.

Referências bibliográficas

- ASSMANN, H. *Teología desde la praxis de la liberación*. Salamanca: Sígueme, 1973.
- BERRYMAN, P. *Liberation Theology*. The essential facts about the revolutionary movement in Latin America and beyond. New York: Pantheon Books, 1987.
- BOFF, L. *Teologia da Libertação e volta ao fundamento*, 2008. Disponível em: <<http://www.adital.com.br>, > Acesso em 16 jul. 2008.
- BOFF, L. *E a Igreja se fez Povo*: Eclesiogênese. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOFF, L. *Eclesiogênese*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CASALDALIGA, P. *Clamor elemental*. Salamanca: Sígueme, 1971.
- DUSSEL, E. *Filosofía de la liberación*. Méjico: Edicol, 1977.
- DUSSEL, E. *Ética de la liberación en la edad de la globalización y de la exclusión*. Madrid: Trotta, 1999.
- DUSSEL, E. *Hacia una filosofía política crítica*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2001.
- DUSSEL, E. *Filosofía de la cultura y la liberación*. Méjico: Universidad Autónoma de Méjico, 2006.
- DUSSEL, E. *Materiales para una política de la liberación*. Méjico: Ed. Plaza y Valdes, 2007.
- FERNANDEZ DEL RIESGO, M. *La ambigüedad social de la religión*. Navarra: Ed. Verbo Divino, 1997.
- GOMEZ, S. A. *Eclesiologia política na "Cidade de Deus"*. A história e a sociedade como lugares e mediações teológicas para a libertação integral do Homem. Dissertação de Mestrado, PUC-RJ, 1987.
- GOMEZ, S. A. *La liberación como proyecto ético*. Un análisis de la obra de Enrique D. Dussel. Tese doctoral, Universidad Complutense, Madrid, 2007.
- GUTIERREZ, G. *Teologia de la liberación*. Salamanca: Sígueme, 1966.
- HOORNAERT, E. *A memória do povo cristão*. Petrópolis: Vozes, 1986

RICCI, R. Religião, fé e política: a Teologia da Libertação como projeto político nacional, *Revista Espaço Acadêmico*, n. 58, ano V., março/2006.

VIGIL, J. M. ¿Cambio de paradigma en la Teología de la liberación? *Revista Alternativas*, Managua, n.8, p. 27-46, jun/1997.